

SENTIDOS PRODUZIDOS A PARTIR DE DISCURSOS REFERENTES AO CORPO FEMININO EM PROGRAMAS HUMORÍSTICOS

*Denise Sousa dos Santos**
denise.santtos123@gmail.com
Universidade Estadual de Londrina

*Rosemeri Passos Baltazar Machado***
rosemeri@uel.br
Universidade Estadual de Londrina

Resumo: Este artigo retoma a histórica discussão sobre o gênero feminino e as relações sócio-históricas que envolvem a representação da mulher no meio social. Pretendeu-se abordar, com base em uma perspectiva discursiva – Análise de Discurso de linha francesa –, a representação da mulher na sociedade e, mais especificamente, nos programas humorísticos, realizando, assim, um panorama comparativo entre programas antigos e atuais, como o “Zorra Total” e “*The Noite com Danilo Gentili*”. A pesquisa tem como foco a discussão acerca das questões corpóreas femininas que circulam nos programas humorísticos, uma vez que observamos no âmbito social, muitas vezes, um padrão de beleza corporal destinado, principalmente, às mulheres. Portanto, buscou-se compreender como o sujeito feminino é retratado na sociedade, bem como analisar os sentidos produzidos a partir de discursos referentes ao corpo feminino e pertencentes ao campo do humor. Nesse sentido, o discurso em questão é o discurso humorístico, que, ao promover a descontração e o riso, contribui para a desvalorização e a depreciação da mulher. Com isso, espera-se que a pesquisa contribua para o debate social no que concerne ao âmbito histórico, cultural, político e ideológico da construção discursiva, a qual, por sua vez, não raramente se coloca como opressora desse corpo feminino. Além disso, também se pretende, neste estudo, participar, mesmo que modestamente, das discussões que envolvem o processo social de desconstrução desses padrões de beleza corpórea e de desvalorização da mulher.

Palavras-chave: Mulher; discurso humorístico; âmbito social; desconstrução; desvalorização.

* Mestra em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (POSLING/UFF). Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (PPGEL/UEL). Participante do Grupo de pesquisas em Estudos da Metáfora (GESTUM) na Universidade Federal Fluminense. Áreas de interesse: Linguística Cognitiva, Educação, Leitura e escrita, Texto, Discurso e Argumentação.

** Possui graduação em Licenciatura em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (1993), Mestrado em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (1999) e Doutorado em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (2007). Atualmente, é Professora Associada da Universidade Estadual de Londrina e coordenadora do Projeto de Pesquisa intitulado "PAD II - Diversidade e desigualdade social: a exclusão/inclusão do sujeito na/pela história", na mesma instituição. Desenvolve estudos na área do texto e do discurso tomando como aporte teórico a Análise de Discurso de orientação francesa e a Semântica Argumentativa. Foi integrante da diretoria da Anpoll (2018-2021), no cargo de secretária. Atualmente é membro suplente do Conselho Deliberativo da Anpoll(2021 - 2025). É membro do GESTELD - Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos, da UNESP; na Linha de Pesquisa EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE, SUBJETIVIDADES E DISCURSOS.

1 Introdução

No decorrer do processo sócio-histórico, constituímos-nos a partir de um modelo de organização patriarcal, em que os homens e as mulheres desempenham papéis sociais distintos. Conforme o desenvolvimento de tal ideia, possibilitou-se e validou-se maneiras de violência de gênero, sempre embasada na inferioridade e na submissão feminina. Tal questão é fruto do modo como se visualizam e se compreendem certos sujeitos. Nesse contexto, as mulheres foram limitadas em suas ocupações sociais, por exemplo, elas não exerciam grandes cargos de poder no âmbito econômico, político, dentre outros. No decorrer da história, as mulheres começaram a ocupar espaços que antes lhes eram julgados como inapropriados. Além disso, uma outra forma de deslegitimar a mulher era conforme suas condições físicas, isto é, sua aparência e compleição corporal. A mulher, muitas vezes, é menosprezada e julgada pela condição de seu corpo e pela sua beleza, gerando assim discursos que, não raramente, realizam opressão do corpo feminino e superestimam as habilidades e as competências das mulheres.

Observamos, ainda, a propagação de discursos que (re)criam estereótipos do gênero feminino, o que demonstra uma sociedade estigmatizadora e ainda muito imersa em discursos e princípios machistas. Embora haja, ainda que desproporcionalmente, a disseminação de um contradiscurso na sociedade – o qual defende os direitos femininos e possibilita que a voz das mulheres seja ouvida, bem como fortalece e legitima os seus papéis e a sua valorização, principalmente, devido ao fortalecimento do movimento feminista – verificamos que as mulheres enfrentam diversos obstáculos, o que nos deixa mais distante de uma sociedade justa e igualitária. De acordo com Hooks (1981, p. 64), devemos entender o patriarcado como sendo “o poder que os homens usam para dominar as mulheres, este não sendo apenas um privilégio das classes altas e médias dos homens brancos, mas um privilégio de todos os homens na sociedade sem olhar a classe ou a raça”. A depreciação da mulher e o discurso de inferioridade feminina funcionam como instrumento a favor da dominação masculina, ocasionando diversos sentidos e práticas que visam à submissão da mulher, que acontecem desde maneiras mais evidentes como a prática do feminicídio, até de formas mais veladas, como os discursos misóginos disfarçados em piadas. Com isso, as mulheres ficam submetidas a discursos ideológicos que transmitem estereótipos e, conseqüentemente,

desvalorização. Para Fernandes e Sá (2021, p. 29), ideologia pode ser entendida como:

Uma concepção de mundo do sujeito inscrito em determinado grupo social em uma circunstância histórica. Linguagem e ideologia são vinculadas, esta se materializa naquela. Ideologia é inerente ao signo em geral. Sendo assim, diante de toda e qualquer palavra enunciada, procuraremos verificar qual (ou quais) ideologia(s) a integra(m).

Assim, o discurso, por ser considerado um fenômeno social, é carregado de significados, isto é, efeitos de sentidos que retratam várias maneiras de relações sociais. Conforme Brandão (2004, p. 11),

a linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia.

É por meio da linguagem que o sujeito pode difundir suas concepções ideológicas existentes na sociedade e, dessa forma, constituir discursos; afinal, trata-se de uma construção social. O discurso não é uno, é polifônico, ou seja, é composto por várias e diferentes vozes, as quais, muitas vezes, podem ser conflitantes, pois o discurso é heterogêneo e ocorre dentro de uma mesma Formação Discursiva (FD). Segundo Orlandi (2015, p. 41), “a formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”. Nesse sentido, todo discurso é produto de outro já dito e, mediante a FD, é possível compreendermos posicionamentos e movimentos na história. Além disso, as FD's se estabelecem por meio de distintos discursos ideológicos que se entrecruzam e realizam os ditos e não ditos com base nas Condições de Produção (CPs), as quais, por sua vez, determinam os efeitos de sentidos.

Em relação às condições de produção, deve-se atentar para o fato de que é a partir delas que os sentidos podem ser previstos e, dessa forma, constituir não só os sentidos do discurso como também regular a própria formação discursiva (FD) e, conseqüentemente, a formação ideológica (FI) (Machado, 2011, p. 253).

Buscamos analisar – com base na Análise de Discurso de linha francesa – os discursos humorísticos direcionados ao gênero feminino e, mais especificamente, as

alusões e as menções à aparência física da mulher nos programas da TV brasileira. A análise será realizada por meio de um breve panorama comparativo entre dois programas humorísticos da TV: o “Zorra Total” (produzido e exibido pela Rede Globo – de 1999 a 2015) e o “*The Noite com Danilo Gentili*” (produzido e exibido pela Rede SBT – de 2014 até o momento atual). Logo, por intermédio do humor, observamos como a mulher é representada em nossa sociedade e, por conseguinte, podemos notar que frequentemente o discurso humorístico carrega estereótipos e estigmas sociais.

Assim, entendemos, por meio deste estudo, como esses preconceitos ainda são intensamente propagados no e pelo discurso, com destaque para as *Sitcoms*¹ brasileiras, que, na maioria das vezes, utilizam o corpo feminino como objeto de piada e ridicularização, reforçando estereótipos sexistas e discriminando as mulheres. Dessa forma, a disseminação desse tipo de humor utiliza-se de um discurso velado que tem como justificativa o entretenimento e a diversão do público para gerar o riso, o que mascara a transmissão de pensamentos machistas. A partir dos efeitos de sentidos produzidos pelo humor nos programas televisivos de rede aberta, é possível refletirmos sobre a problemática da representação da mulher na sociedade, especialmente, do seu corpo.

2 O humor e a reprodução de discursos de depreciação feminina

A utilização de mulheres, na maior parte das vezes, atendendo ao padrão de beleza exigido (magras, altas, jovens) e com roupas sensuais é bem comum em programas de humor na televisão. Diversos programas, em especial, os humorísticos, utilizam deste recurso para atrair audiência. No entanto, é importante analisarmos como a mulher é representada nesses programas e quais são os sentidos produzidos pelo discurso humorístico sobre esse corpo feminino. No caso dos programas humorísticos de rede aberta, no Brasil, devemos atentar para a relação entre o discurso sobre o corpo feminino e a cultura humorística, que, muitas vezes, naturaliza práticas discriminatórias. Por se tratar de um veículo comunicacional de massa, principalmente por serem canais de comunicação abertos, ou seja, de livre acesso, esses programas humorísticos fazem parte da construção imaginária dos sujeitos e

¹ Expressão originada do inglês e em uma tradução literal significa “*situation comedy*”, ou seja, comédia de situação. Diz respeito a produções que utilizam acontecimentos do cotidiano para fazer piada.

propagam, de forma instantânea, mensagens e informações que reproduzem o discurso, por exemplo, de inferioridade feminina.

É necessário mencionar a compreensão de humor que, mesmo diante de diversas abordagens e perspectivas de análises, as teorias direcionam para um mesmo caminho:

o humor é muito mais que a simples intenção de fazer rir. Ele tem um quê oculto que, para Bergson (2018), é o temor da humilhação, para Freud (2006), a irrisignação em face da crueldade da realidade e, para Possenti (2016), é mais que um simples texto, é um texto que precisa ser interpretado e tal interpretação, em regra, diz muito mais sobre os sujeitos/os leitores que sobre o humorista/escritor (Ferreira, 2021, p. 22).

Logo, o discurso humorístico são mensagens que podem provocar o riso, todavia, este efeito nem sempre pode se realizar. Conforme Possenti (2014), os motivos do riso sucedem especialmente devido à humilhação de um sujeito, ou seja, tornar uma característica desse sujeito em piada. O riso humilhante, então, pode ocorrer independentemente da classe² sociocultural ocupada pelo sujeito. O humor pode ser realizado de diferentes formas e em diferentes âmbitos. Nesse sentido, derivado do humor temos a comédia, um dos artifícios que possibilitam o entretenimento e a risada. Essa ferramenta humorística passou por grandes modificações com o passar do tempo e surgiram novas formas cômicas como o *stand up*³ e as *sitcoms*⁴, por exemplo.

Nesse contexto, destacamos aqui dois programas humorísticos da TV brasileira, que têm e/ou tiveram um grande alcance popular e, por conseguinte, muita audiência.

² [...] O humor não é mero produto de ideias que surgem espontaneamente nas cabeças das pessoas. As piadas que elas contam são produtos culturais, são manifestações de sentidos culturais que existem em dada sociedade. Por esse motivo, o humor não pode ser reduzido a algo independente do contexto social no qual existe. A produção do efeito cômico depende dos significados culturais existentes nas mensagens que circulam nas interações entre os indivíduos. Ele é, portanto, um tipo de mensagem que expressa o status cultural de que as pessoas gozam em uma determinada comunidade (Moreira, 2019, p. 63).

³ Autoderrisão, uso de termos chulos, quebra das coerções do gênero: tudo é matéria para fazer rir. No *stand-up*, não há a proteção da máscara do palhaço ou da personagem sob a qual o ator cômico poderia se esconder: “não fui eu quem disse aquelas barbaridades; foi a personagem”. O humorista está totalmente exposto: seu *ethos* prévio e discursivo se consubstanciam, e o seu discurso, quando relatado pela mídia, por vezes, não é devidamente contextualizado, o que resulta em dificuldades – às vezes, jurídicas – para desqualificar certas acusações de racismo, homofobia, machismo etc. E, como a base do *stand-up* é o texto verbal, a linguagem se volta para uma tendência do humor americano e mundial, ou seja, para o politicamente incorreto (Vale, 2015, p. 275-276).

⁴ De acordo com o Dicionário Infopédia, são narrativas cômicas sobre fatos do dia a dia, o que, diferentemente do *stand up*, têm grandes cenários e caracterizações, pois são *séries* divulgadas em programas televisivos e plataformas de *streaming* – De acordo com o Dicionário Informal, é uma forma de distribuição de conteúdo multimídia como músicas, filmes, vídeos, etc., em uma rede, por meio de pacotes. EMÍLIA, Clarice. Streaming. *Dicionário Informal*. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/streaming/>. Acesso em: 01 out. 2023.

O primeiro é o programa “Zorra Total” da Rede Globo que acontecia semanalmente, todos os sábados à noite. Era dividido em vários quadros e contava com diferentes participações de renomados comediantes e atores, tal como Chico Anysio. Esse programa de humor é criticado por reforçar estereótipos machistas e racistas – segundo Moreira (2019), tal prática é definida como racismo recreativo nos meios de comunicação⁵, utilizando o corpo feminino como piada e não como personagem. No último ano de exibição, em canal aberto, o programa televisivo de humor mais longo da TV Globo passou por uma reformulação que incluía desde a mudança de direção até o próprio nome do programa, o qual passou a ser chamado apenas de “Zorra”. Atualmente, o programa é disponibilizado apenas em plataformas de *streaming* como “Globoplay”. Já o programa humorístico “*The Noite* com Danilo Gentili” é produzido e exibido pela rede televisiva de canal aberto do SBT. Estreou no ano de 2014 e ainda permanece no ar. O apresentador Danilo Gentili já foi acusado diversas vezes de fazer piadas machistas durante o programa e também já respondeu por processos judiciais a respeito de suas comédias ácidas – o que pode ser prejudicial à imagem da mulher, quando esse humor utiliza estereótipos violentos e machistas para provocar o riso. Essas piadas normalizam o tratamento abusivo sobre as mulheres e perpetuam a objetificação feminina, além de, constantemente, proliferar a violência de gênero. O programa humorístico vai ao ar de segunda a sexta, às 00h45, e é considerado um *Talk-show*, ou seja, semelhante a um programa de rádio ou TV, ele realiza entrevistas informais de diversos assuntos polêmicos ou do cotidiano do entrevistado, o qual, por sua vez, pode ser uma pessoa influente e/ou celebridade.

A partir disso, é possível pensar o humor por uma outra perspectiva, em que possa ser utilizado como uma espécie de ferramenta de empoderamento por parte das mulheres e, conseqüentemente, como desconstrução de estereótipos de gênero. Diante disso, na sociedade contemporânea, surgiu o termo “politicamente correto” que se caracteriza geralmente pelo respeito aos grupos marginalizados e vulneráveis, isto é, não reproduzem discursos ofensivos e não ferem a dignidade humana. De acordo com Alves (2015),

⁵ O que estamos chamando de racismo recreativo não pode ser visto como um tipo de comportamento individual, porque está presente em diversas formações culturais, notoriamente nos meios de comunicação. Embora essas manifestações sejam apresentadas como humor, elas são manifestações de estereótipos que reproduzem conteúdos racistas sobre grupos minoritários (Moreira, 2019, p. 67).

politicamente incorreto é fazer, falar e agir de forma diversa dos limites psicológicos e culturais impostos pela sociedade. O comportamento do politicamente correto é moldado conforme a aceitação da sociedade na utilização de termos, constituindo parâmetros de comparação em temas “sensíveis”, ou seja, temas considerados tabus por tratarem de forma diferente a minoria, que não é igual ao restante da sociedade. Caso não houvesse diferenças, não seria visto como minoria e, sim, parte integrante da complexa sociedade. Dessa forma, ao evitar falar em certos assuntos referentes às diferenças das minorias, afirma-se isonomia aos desiguais, o que nem sempre é aceito por alguns (Alves, 2015, p. 145).

Tal expressão é muito repercutida no meio humorístico e sua prática discursiva, haja vista que atualmente a prudência sobre o que falar e como falar deve ser uma constante. Entretanto, a utilização desse tipo de humor gera polêmicas em seu entendimento, pois alguns sujeitos o consideram como uma forma de censura e de privação da liberdade de expressão, em contrapartida, outros são favoráveis ao uso e à prática do termo e compreendem que, muitas vezes, a chamada liberdade de expressão se apropria de um discurso de ódio para disseminar pensamentos pejorativos sobre o corpo/discurso da mulher. Estamos, nesse caso da estigmatização do corpo feminino, diante de um poder tão forte quanto o próprio contradiscurso silenciado de valorização e igualdade de gênero.

E, ao falarmos em poder, muito se questiona sobre os limites do humor, já que tal prática social é responsável pela manutenção de representações sociais polêmicas. A tendência do politicamente correto, no gênero humorístico, leva-nos a refletir sobre até que ponto uma “brincadeira” ou piada pode ser realizada. A partir do momento que o humor fere e machuca os sujeitos, sobretudo, os grupos ditos minoritários, estamos adentrando no campo das relações de poder e, conseqüentemente, dos limites do humor. Verificamos que esse tipo de discurso humorístico é capaz de manifestar problemas sociais que estão arraigados e estruturados na sociedade, como machismo, misoginia, racismo, discriminação social, dentre outros. Sendo assim, com o grande avanço na luta dos direitos femininos e na criação de políticas públicas na tentativa de erradicar as violências de gênero, houve uma mudança de postura por parte das emissoras televisivas no que tange à representação da mulher, pois de acordo com o novo cenário, certas atitudes já não cabem serem exibidas como piada.

Assim, surgiram novas conjunturas humorísticas que confrontam certas convenções sociais, mostrando que o humor pode ser um meio de empoderamento feminino e que pode oferecer uma nova perspectiva sobre a representação da mulher.

Observamos, então, que, de acordo com o desenvolvimento sócio-histórico, transformam-se apenas as maneiras de manifestações de violência ao gênero feminino, que ora acontecem de forma mais velada e branda, ora mais transparente e nítida.

Mesmo com grandes progressos na história da luta de direitos femininos e da valorização da mulher na sociedade, ainda vigora um discurso que desqualifica esse sujeito mulher. Na sociedade atual, os veículos midiáticos, em especial de caráter humorístico, continuam disseminando discursos machistas e misóginos. Sendo assim, “a misoginia no humor não tem a comoção gerada sob o modo sério porque é mais sutil, e é isso que garante ao humorista continuar reproduzindo a violência” (Tejada; Vinhas, 2023, p. 5). Nesse sentido, certos tipos de humor mostram a depreciação da mulher como piada para que os efeitos cômicos se sobreponham aos reais efeitos da desvalorização feminina. Isso nos leva a enxergar que, independentemente das conquistas realizadas pelos grupos “minoritários” e marginalizados na luta por uma sociedade igualitária, o desprestígio à mulher e à violência de gênero permanecem nas relações sociais; o que ocorre é apenas um deslocamento na maneira como o discurso é produzido e como ele se materializa.

3 Análise dos programas humorísticos

Os programas humorísticos se consolidaram, ao longo dos tempos, como uma grande ferramenta de entretenimento de massa e, por conseguinte, também como um poderoso disseminador de ideologias⁶. Atualmente, alguns programas televisivos de cunho humorístico têm passado por significativas transformações em suas estruturas e concepções cômicas, isto é, na forma de produzir o humor, haja vista que “os discursos não são fixos, estão sempre se movendo e sofrem transformações, acompanham as mudanças sociais e políticas de toda natureza que integram a vida humana” (Fernandes e Sá, 2021, p. 21). De acordo com novos contextos e perspectivas, o humor precisou ser ressignificado e adaptar-se aos novos perfis de

⁶ O humor que humilha enquanto um produto cultural é elaborado racionalmente – no sentido de não ser espontâneo, improvisado e aleatório – dentro das *big companies* da mídia brasileira, em especial: TV Globo, Bandeirantes, SBT e REDETV!, cada qual com suas mercadorias que, no entanto, seguem a fórmula de um produto da indústria cultural que tem como cerne central a humilhação e sofrimento. É isso que o constitui enquanto mercado, afinal, é vendido, consumido e gera imensos lucros (Cunha; Sá, 2023, p. 68-69).

telespectadores e suas exigências. Entretanto, mesmo com novas conjunturas sociais, ainda persiste, na mídia televisiva, o discurso depreciativo da mulher e a construção de estereótipos femininos, o que podemos evidenciar na análise do *corpus* deste trabalho.

Nesse viés, o programa “Zorra Total”, da Rede Globo, consolidou-se como um clássico do humor durante os anos 2000. O programa era estruturado em quadros e personagens fixos, os quais tinham a presença de muitos bordões que marcavam a identidade dos personagens e geravam grande repercussão na mídia. Porém, ao proporcionar o riso e a diversão, muitas piadas e personagens eram criados com base em estereótipos, predominantemente, relacionados ao gênero feminino.

Ao analisarmos o quadro “Rosinha e Nerso da Capitinga” do respectivo programa, percebemos em um primeiro momento, a partir dos elementos visuais, a figura feminina sendo representada nitidamente como objeto de desejo sexual – sendo exibida sem roupas atrás de uma cerca –, e para isso, o quadro humorístico explora a sensualidade e a nudez feminina; sugerindo a sexualização do corpo feminino na mídia televisiva. Na época, no ano de 2008, a atriz Miryan Martin, que interpretava a personagem Rosinha – mulher loira, alta, esbelta –, era o padrão possível de atrair olhares e a atenção de muitas pessoas, em especial, dos homens. A ênfase no corpo feminino e a exaltação de uma forma corpórea envolvente e sedutora chamava a atenção do personagem Nerso da Capitinga. Nota-se, desse modo, a valorização explícita na mídia de um corpo esbelto e magro, o que conforme Bohm (2004) configura-se como um padrão de beleza no meio social. Corroborando tal ideia, Possenti (2011) menciona:

O que todos sabem sobre a questão é que, salvo raríssimas exceções, não há loiras que se finjam de morenas, mas há muitas morenas que se fingem de loiras. Isso deveria significar que, em nosso imaginário, tanto masculino e quanto feminino, a loirice é considerada uma vantagem, que consideramos as loiras mais bonitas, mais charmosas, etc., que as outras mulheres (Possenti, 2011, p. 236).

Nesse sentido, segundo Possenti (2011), as piadas que envolvem as mulheres loiras as caracterizam, em sua maioria, como mulheres desprovidas de inteligência ou como sexualmente disponíveis; o que configura outro estereótipo reproduzido nos programas humorísticos. Podemos dizer que, pelo menos de acordo com a época, o discurso da mídia sobre o corpo feminino fomentava um padrão inalcançável, gerando

inseguranças e distorções na autoimagem das mulheres. Além disso, esse tipo de representação da mulher como objeto sexual alimentava e ainda contribui, infelizmente, com a cultura do estupro e da violência contra a mulher, perpetuando estereótipos e comportamentos nocivos. Sendo assim, a redução da mulher à sua aparência e à sua função sexual é desumanizante e desvaloriza suas outras capacidades e atributos. Nessa perspectiva, podemos verificar a instauração de uma realidade um tanto polêmica: à medida que surge um discurso que defende a liberdade do sujeito feminino, isto é, de não se submeter a padrões estéticos e realizar o que quiser com o seu próprio corpo, há, também, certa a sujeição da mulher aos padrões socioculturais e ideológicos disseminados na mídia televisiva na qual, não raramente, ela própria aceita e coloca-se na posição de símbolo de beleza e objeto sexual.

A estrutura do quadro de humor consiste sempre em um diálogo do personagem Nerso da Capitinga, representando um caipira ingênuo, e Rosinha, uma moça bonita que fica atrás de uma cerca após “perder” suas roupas. O personagem masculino deixa claro em seu discurso humorístico a objetificação feminina e tenta persuadir/seduzir constantemente a personagem Rosinha a pular a cerca e, assim, poder vê-la completamente nua. O humor, nesse quadro, está subentendido por meio da imagem do corpo nu que não está explícito, mas sugerido, o que segundo Ferreira (2021), o discurso humorístico dificilmente se manifesta de forma direta, ou seja, o humor ocorre, na maioria dos casos, de forma subentendida, “devendo o locutor e interlocutor estarem necessariamente no mesmo patamar interpretativo para que a produção do riso seja efetivada” (Ferreira, 2021, p. 19). A personagem, sempre devido a algum empecilho, não ultrapassava a cerca, ou, pelo menos, não aparecia completamente sem roupas, conforme podemos observar na transcrição 1 a seguir.

Transcrição 1: Rosinha e Nerso da Capitinga (Zorra Total)⁷

[...]

Nerso da Capitinga: Trouxe balãozinho, língua de sogra, chapeuzinho... que vê? Aqui óh...óh! (risos)

Rosinha: Até docinho, Nerso!

Nerso da Capitinga: Óh que beleza!

[...]

⁷ As transcrições foram realizadas exatamente conforme os sujeitos falaram.

Nerso da Capitinga: Tá achando que eu trouxe só isso aqui, Rosinha?! Óh o quê que eu trouxe! Óh óh olha só.... “Parabéns, Rosinha....mas sai de trás da cerca” (Cartaz escrito pelo personagem).

[...]

Nerso da Capitinga: Hoje cê sai, hoje cê tem que sair (risos).

Rosinha: Então vira pra lá, vou sair tá?! Tô indo hein Nerso.

Nerso da Capitinga: Tá, táa... É hoje, é hoje! (animado)

Rosinha: Pronto, Nerso. Óh, pode olhar.

Nerso da Capitinga: Pode olhar?

Rosinha: Tô prontinha!

Nerso da Capitinga: Aaahh, aaah... Assim não! Achei quem ia ganhar o presente era eu óh... (Decepção). Tanto trabaió óh... ainda pulo essa cerca!

Fonte: Youtube⁸

Nerso da Capitinga tenta induzir Rosinha a sair detrás da cerca ao realizar uma festa de aniversário para ela. Contudo, Nerso se decepciona ao perceber que a mulher, ao passar pela cerca, continua cobrindo suas partes íntimas com itens decorativos de aniversário. Dessa forma, fica nítido que o personagem só realizou tal ato, pois tinha outras intenções para com a moça. De maneira subentendida, o personagem masculino refere-se à moça, totalmente nua, como o seu grande “presente” e que essa era a sua única intenção desde o início. Percebemos que a mulher é reduzida a um mero objeto sexual demonstrando, assim, a reificação da mulher na abordagem dominante da mídia. Nesse contexto, está cristalizada em nossa formação social a dominação dos homens sobre o corpo feminino, a qual é legitimada pela ideologia hegemônica patriarcal que centraliza o homem nas relações de poder.

Reconhecemos a necessidade de mudança dessas ocorrências que ainda persistem no contemporâneo, as quais só serão possíveis após abordagens e debates acerca dessas narrativas, isto é, da violência de gênero que está enraizada na nossa sociedade e é invisibilizada nos discursos humorísticos. É exatamente por isso que nosso foco se dirige para a propagação da depreciação, da objetificação e da desvalorização feminina travestida em tom de humor, que utilizando o subterfúgio do

⁸ BEBEDD PRINCIPENCANTADO. Nerso da Capitinga. YouTube, 16 mar. 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_URVTg8kpqk. Acesso em: 14 nov. 2023.

discurso cômico e no intuito de provocar o riso, os sujeitos reproduzem, neste caso, a objetificação da mulher. Segundo Tejada e Vinhas (2023),

o bom sujeito da formação discursiva (FD) machista se vale dos mecanismos discursivos do humor para que os sentidos da FD possam continuar circulando. Essa FD garante a reprodução da violência por meio de estratégias humorísticas. Em razão disso, discursos misóginos que não seriam admitidos sob o modo sério ganham circulação sob o modo humor (Tejada; Vinhas, 2023, p. 4-5).

Observamos que os discursos machistas propagados em formas de piadas nos programas humorísticos têm sua manutenção nas ideologias patriarcais, as quais disseminam com veemência o tratamento desigual de gênero e, conseqüentemente, a objetificação e a submissão do corpo feminino, conforme retratado no personagem Rosinha. Logo, a partir do respectivo personagem, com base em ideologias patriarcais, verificamos a presença do estereótipo feminino, o qual a mulher é destinada somente para a procriação, ou seja, atos sexuais, tendo a sua imagem reduzida apenas em um símbolo sexual. Lembrando Pereira *et al* (2019), a objetificação do corpo feminino ocorre desde o tempo da escravidão na época do Brasil Colônia, em que o corpo das mulheres, principalmente de indígenas e africanas, era de propriedade dos homens. Portanto, “[...] vem desse momento a perpetuação da cultura do estupro (não restrita apenas ao Brasil), da coerção à mulher, do abuso da força, da violência e o abuso sexual, todas essas são questões, que apesar dos tempos, ainda permeiam a sociedade atual” (Pereira *et al*, 2019, p. 7).

Esses programas humorísticos servem para reforçar o fato de que a ideologia se materializa na língua e, no caso específico do referido quadro do Nerso com a Rosinha, o aspecto ideológico também se faz presente em todo o cenário e na própria caracterização dos personagens. Conforme Tejada e Vinhas (2023, p. 10), “por meio da materialização da ideologia na linguagem, podemos pesquisar as relações construídas entre os sujeitos”. A depreciação feminina é realizada no quadro humorístico de forma sutil, haja vista que é transformada em tom cômico e engraçado, ocorrendo, desse modo, a objetificação feminina como “brincadeira”, intensificando sua reprodução no meio social.

Nessa perspectiva, o programa “Zorra Total”, no ano de 2011, tinha um quadro principal chamado de “Metrô Zorra Brasil”, no qual se passava a história de muitos personagens dentro de um vagão de metrô. Dentre esses personagens, destacavam-

se duas mulheres, Valéria e Janete, as quais eram amigas e sempre iniciavam um diálogo dentro do vagão lotado. O quadro consistia em algumas situações que, além de desvalorizar a imagem feminina, reproduzia a violência e, mais particularmente, o incentivo ao abuso sexual. A personagem Valéria – mulher trans – sempre direcionava ofensas à aparência da sua amiga Janete, sendo esta, habitualmente compreensível com os discursos hostis de sua colega, pois os entendia como piadas e brincadeiras, desconsiderando os seus efeitos nocivos. Desse modo, a personagem Janete era criticada e ridicularizada pela própria amiga devido a sua aparência física, evidenciando assim, um padrão de beleza que Janete não conseguia seguir, por isso a personagem tinha seu corpo retratado de forma pilhéria. É importante mencionar, que os discursos ideológicos pautados no machismo estrutural podem ser reproduzidos por todos de uma sociedade, inclusive pelas próprias mulheres. O discurso cômico possibilita que a depreciação feminina, demonstrada no quadro humorístico, seja invisibilizada, pois, nele, a depreciação feminina se apresenta mais como piada ingênua e menos como uma forma de tratamento hostil e ofensiva. Há ainda o elemento classe e raça: além de mulheres, são pobres e negras que, segundo Moreira (2019), o humor televisivo cria estereótipos racistas que caracterizam os grupos minoritários raciais como sujeitos inferiores, desprovidos de beleza e pobres, conseqüentemente, os marginalizando.

O quadro humorístico mostrava a personagem Janete sendo sempre assediada por um passageiro do metrô, o qual se encostava de modo ostensivo nas partes íntimas da jovem, fato que, atualmente, configura importunação sexual⁹. Em um certo episódio, a personagem violentada sente-se incomodada com a situação e comenta com a amiga ao lado sobre o ocorrido, a qual, em vez de defendê-la, diz: “Aproveita que tu não tá podendo escolher! (risos)”¹⁰. Um dos efeitos de sentidos produzidos pela frase da personagem Valéria, que acontece com base em uma formação discursiva machista e é realizada devido às condições de produção, é a desvalorização da

⁹ Prática criminosa incluída há cerca de cinco anos no Código Penal pela Lei nº 13.718. BRASIL. *Lei nº 13.718, de 24 de setembro de 2018*. Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para tipificar os crimes de importunação sexual e de divulgação de cena de estupro, tornar pública incondicionada a natureza da ação penal dos crimes contra a liberdade sexual e dos crimes sexuais contra vulnerável, estabelecer causas de aumento de pena para esses crimes e definir como causas de aumento de pena o estupro coletivo e o estupro corretivo; e revoga dispositivo do Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941 (Lei das Contravenções Penais). Diário Oficial da União. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13718.htm. Acesso em: 09 nov. 2023.

¹⁰ IMPECÁVEIS HUMORIZANDO. Valéria e Janete- Primeiros Episódios de 2011. Youtube, 01 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DgZz6bHwHOg>. Acesso em: 15 nov. 2023.

mulher, neste caso, sua amiga, que, conforme os padrões de beleza impostos na sociedade, é considerada feia e, por isso, não teria a opção de escolher seu parceiro, tendo que se submeter à dominação masculina que, nesse quadro, ocorre em forma de violência sexual. Para a AD, as relações de força estabelecem quem diz e quem silencia, assim, de acordo com o lugar ocupado pelo sujeito, é possível exercer mais ou menos poder. Conforme Orlandi (2015, p. 37), “como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na comunicação”.

Em nossa sociedade observamos, ao longo da história, estruturas sociais pautadas em relações de gênero hierarquizadas, em que o homem ocupa o topo da pirâmide e, assim, possui mais poder e autoridade; o homem fala a partir de um lugar superior e suas palavras possuem mais legitimidade perante a sociedade, diferentemente das mulheres. Logo, a fala do homem vale (significa) mais do que a da mulher. Em um contexto contemporâneo, tal teoria pode ser observada nas diversas ocorrências de violência que as mulheres sofrem diariamente e, quando ouvidas, os seus discursos não possuem legitimidade, ou seja, mesmo as mulheres sendo as vítimas, é sobre elas que recaem diversos e ofensivos questionamentos (por exemplo: como você estava vestida?).

Percebemos que o discurso humorístico pode ser perigoso, pois ele, em forma de piada, por exemplo, pode incentivar um tema muito sério em nossa sociedade: a violência contra as mulheres. Desse modo, tais discursos mascarados como humor legitimam essas práticas e possibilitam que elas sejam reproduzidas naturalmente.

De acordo com Tejada e Vinhas (2023), a violência possui muitas maneiras de se manifestar e uma delas é por meio do humor que, “mesmo a disfarçando, reproduz a opressão de gênero. Talvez justamente por disfarçá-la o humor reproduza essa opressão, pois, quanto mais sutil a violência, mais difícil é sua visibilização e combate” (Tejada; Vinhas, 2023, p. 9). Esse episódio do programa da Rede Globo, sem dúvidas, motiva a violência contra as mulheres de forma sistemática, estimulando, inclusive, a cultura do estupro, pois tais situações sempre fizeram parte do quadro, ou seja, semanalmente, a emissora televisiva dizia ao telespectador que as mulheres que sofrem algum tipo de importunação sexual, principalmente as consideradas feias, deveriam “aproveitar” e “agradecer”, perpetuando, dessa forma, uma situação que afeta milhares de mulheres.

Isso nos faz refletir sobre o porquê de tal comportamento repugnante e polêmico é disseminado nas mídias de massa e ganha a audiência e o apreço do público. Conforme nos lembra Amossy (2017, p. 8), “estamos na sociedade do espetáculo: as polêmicas atraem porque são lúdicas – podemos contar os ataques que acontecem nelas e apontar os vencedores – e não porque elas nos façam refletir”. O que permite que isso aconteça são as condições de produção que possibilitaram a circulação desse tipo de discurso na mídia televisiva.

Entretanto, mesmo com as mudanças de contextos e novas perspectivas sobre ser mulher na contemporaneidade, vê-se que esses tipos de discursos não deixaram de surgir na mídia, como podemos verificar no programa em formato de *talk show* “TheNoite com Danilo Gentili”, exibido de segunda a sexta nas madrugadas do canal televisivo do SBT, em que são entrevistadas personalidades de todas as áreas. Um dos quadros do programa de humor é denominado de FDP – *Fight* de piadas¹¹, o qual consistia na divulgação deliberada de ofensas aos adversários na disputa humorística e era analisado por uma banca de jurados para avaliar quem ganhava o embate. Em novembro de 2019, no episódio 27, o respectivo quadro mostrava a disputa de Danubia Lauro *versus* Alessandro Berle. O apresentador Danilo Gentili já iniciava seu discurso apresentando os candidatos que, ao apresentar a mulher, enuncia: “Nossa primeira lutadora do dia. Ela é a favor do aborto, mas infelizmente, a mãe dela não era.” Na sequência, apresenta o homem com as seguintes características: “Ele é a mistura do Etevaldo com o Murilo Couto”, e assim o duelo se inicia.

Transcrição 2: primeiro *round* de piadas

Homem: Eu ia falar primeiro as damas, mas você é vagabunda, então eu começo.
 – Eu não sei se ela quer abortar ou não, mas eu tenho certeza que se ela abortar, a criança vai descansar em paz, que não foi filho da puta.
 Mulher: Eu sou puta mesma, eu sentaria na sua cara só pra não ter que olhar pra ela.
 Homem: Ela disse que tem depressão, toma um monte de remédio, mas não se preocupe não, mais arrombada que a tua cabeça, só a tua vagina.
 Mulher: O Berle é do Amazonas, Amazonas não... Alagoas, eu não sei porque falei Amazonas, deve ser porque a sua cara parece que pegou fogo.
 Homem: Ainda bem que não falou do Nordeste, né?! Porque tua vagina é mais seca que isso.
 [...]

Fonte: Youtube¹²

¹¹ Quadro humorístico exibido até o início de 2021, no programa *The noite* com Danilo Gentili.

¹² THE NOITE COM DANILO GENTILI. FDP 2019: Danubia Lauro x Alessandro Berle- Ep. 27/ The noite (23/09/2019). Youtube, 24 set. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3ChDQINzKLw>. Acesso em: 08 out. 2023.

É evidenciado no quadro acima um recorte das primeiras ofensas ditas no *round* 1, as quais continuaram ao longo do *round*. O show de provocações e insultos ainda permanece e é sequenciado nos *rounds* 2 e 3. Analisando, primeiramente, como foram caracterizados os sujeitos no início do quadro, verificamos o grau de ofensas direcionados aos participantes: enquanto o sujeito masculino tem sua imagem apenas comparada com as de outras pessoas, o sujeito feminino tem sua dignidade atacada ao ser mencionado que a própria nem deveria ter tido o direito à vida. Um dos efeitos de sentidos que tal discurso proporciona é o uso da misoginia que, de acordo com o Dicionário Infopédia, é a aversão ou desprezo pelos sujeitos do gênero feminino e/ou preconceito contra as mulheres¹³. Sendo o propósito, do respectivo quadro, as ofensas deliberadas aos candidatos, tal injúria direcionada à mulher gera um maior efeito de sentido, ou seja, o que é referido ao gênero feminino demonstra maior humilhação. Ademais, ao observarmos os discursos no duelo humorístico, verificamos a depreciação e o desprezo à mulher nas piadas. O referido quadro utiliza como piada discursos profundamente enraizados na nossa sociedade e que ratificam a desvalorização feminina.

Vemos, constantemente, o comediante reproduzir um discurso machista ao definir a imagem da mulher como “puta” e vulgarizar o termo relacionando com a ideia de intensa prática sexual por parte da mulher. O discurso humorístico reproduz o estereótipo de mulher “puta”, o qual insere, no imaginário coletivo, ideias como “ela é puta, porque dá para todo mundo”, “ela é uma mulher fácil” e dentre outras expressões comumente utilizadas na/pela sociedade. Temos, então, a noção de “puta” a partir da construção de um simulacro que, de acordo com Possenti (2011, p. 237), “o discurso da mulher diz que ela é livre, o discurso masculino diz que ela é ‘puta’. O que, convenhamos, não passa de fantasia masculina”. Ademais, no segundo *round*, as trocas de ofensas continuam e, desta vez, os sujeitos se referem à aparência estética de seus adversários.

Transcrição 3: segundo *round* de piadas

Homem: Ela posta muita foto da bunda no *Instagram*, daí eu perguntei. Aí, ela disse é marketing que a Anitta ensinou, mas a Anitta tem bunda, né?!

Mulher: O dente do Berle é tão grande que foram fazer um canal e acharam petróleo.

¹³ PORTO EDITORA – misoginia no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/misoginia>. Acesso em: 08 out. 2023.

Homem: Tem um vídeo dela com ... trezentas mil visualizações no *youtuber*, é verdade. É a mesma quantidade de cara que ela deu pra assistir.

[...]

Fonte: Youtube

As trocas de provocações estão relacionadas ao perfil estético dos participantes, isto é, à ideia de beleza. Cabe destacar aqui, o demérito feminino que, independentemente da aparência da mulher e da sua capacidade intelectual, ela é sempre criticada e subjugada na sociedade. Conforme Boris e Cesídio (2007), circula no meio social o estereótipo de que, muitas vezes, a mulher só alcança o sucesso profissional devido ao seu corpo. Portanto, “são estereótipos que surgiram na cultura a partir da vulgarização do corpo da mulher através da mídia, pois muitas mulheres, no Brasil, conseguiram uma carreira famosa através da beleza do corpo” (Boris; Cesídio, 2007, p. 473), ou seja, percebemos, no discurso humorístico do participante, a tentativa de descredibilizar o sucesso da mulher nas redes sociais, principalmente ao relacionar tal feito com a mercantilização do corpo feminino, o que gerou, mais uma vez, o estereótipo de mulher “puta”. Isso nos leva a refletir que tais piadas, cunhadas nos moldes de ideologias machistas, refletem, no fundo, a insegurança masculina em um cenário de competição social, pois com as enormes conquistas sociais e profissionais do gênero feminino, as mulheres passaram a ocupar os mesmos espaços que os homens. Talvez, seja por isso que exista o desejo de suprimir as habilidades e capacidades femininas e inferiorizar a mulher. Então, devido ao estereótipo responsável por manter o discurso patriarcal, é comum (mas jamais aceitável) homens se utilizarem do discurso de que a mulher só consegue o sucesso profissional devido a sua beleza ou aos “favores sexuais”.

4 Considerações finais

Ao investigarmos o percurso sócio-histórico de representação da mulher nos programas humorísticos notamos que, apesar de épocas distintas, a aparência e o corpo feminino ainda são motivos de pilhéria e, muitas vezes, os discursos humorísticos reproduzem estereótipos, os quais são disseminados e reforçados no imaginário coletivo. Dessa forma, mesmo a nossa sociedade estando em condições de produção sócio-histórico-ideológicas mais modernas, ainda são propagados

discursos – legitimados por sujeitos interpelados por uma formação discursiva machista e sexista – que depreciam e desvalorizam a imagem da mulher no meio social. Esses tipos de discursos ocorrem cotidianamente, sejam eles realizados em tom cômico ou não, demonstrando como a sociedade ainda se pauta em valores sexistas.

Apesar de identificarmos alguns avanços em relação ao papel e à representação da mulher na nossa sociedade, há ainda muitos mecanismos que almejam invisibilizar o discurso misógino, opressor e machista do corpo feminino, sendo um certo tipo de humor um destes. Por meio do *corpus* selecionado, foi possível notarmos a objetificação e a sexualização do corpo feminino, além da reprodução de discursos misóginos, sexistas e estereotipados. Também evidenciamos o discurso do “bom” sujeito da formação discursiva machista, que se apropria do gênero cômico – devido sua alta aceitabilidade no meio social – para reproduzir, no imaginário coletivo, a depreciação feminina, e até mesmo, a violência de gênero. Percebemos que tais discursos não se apagaram com o decorrer do tempo, apenas se manifestaram de novas formas, dentro de uma estrutura capitalista e patriarcal, há muito tempo existente. De acordo com Matos e Paradis (2016, p. 80), “[...] a teoria do patriarcado tem servido para a análise das relações de dominação que antecederam e, também, as que sucederam a emergência do sistema capitalista”. Com as novas conjunturas sociais e o fortalecimento dos movimentos feministas na nossa sociedade, a ideologia patriarcal, para conservar sua posição dominante no atual cenário, recorre a estratégias para naturalizar suas práticas, logo, o humor torna-se um instrumento essencial para tal feito. Portanto, os discursos humorísticos, nos programas da TV brasileira, calcados na ideologia patriarcal, reproduzem a imagem pejorativa da mulher no meio social.

Ressaltamos a necessidade de repensar sobre a produção do humor, pois as piadas produzidas em programas humorísticos podem ser inteligentes e engraçadas sem precisar rebaixar e objetificar as mulheres. Para que a sociedade avance em direção à igualdade no tratamento dos diferentes gêneros, é necessário desconstruirmos os estereótipos que perpetuam o machismo e a opressão do sujeito feminino. Nessa perspectiva, é imprescindível que incentivemos a luta dos movimentos feministas na desnaturalização de discursos opressores e preconceituosos em relação ao sujeito mulher. Além disso, a valorização da mulher deve ir além da sua aparência física, enxergando-a como um ser humano completo,

com qualidades, defeitos e habilidades diversas. É importante, portanto, criarmos uma nova cultura humorística, com objetivo de levar em consideração questões de gênero e deixar de naturalizar a violência e a discriminação contra as mulheres.

MEANINGS PRODUCED FROM DISCOURSES REFERRING TO THE FEMALE BODY IN HUMOROUS PROGRAMS

Abstract: This article takes up the historical discussion about the female gender and the socio-historical relations that involve the representation of women in society. Based on a discursive perspective – French Discourse Analysis –, it aims to address the representation of women in society and, more specifically, in humorous programs, thus making a comparative overview between old and current programs, such as “Zorra Total” and “The Noite com Danilo Gentili”. The research focuses on the discussion of female bodily issues that circulate in humorous programs, since a standard of bodily beauty is often observed in society, mainly aimed at women. Therefore, it is understood that how the female subject is portrayed in society, as well as to analyze the meanings produced from discourses referring to the female body and belonging to the field of humor. In this sense, the discourse in question is humorous discourse, which, in order to promote relaxation and laughter, contributes to the devaluation and depreciation of women. With this, it is hoped that the research will contribute to the social debate regarding the historical, cultural, political and ideological construction of discourse, which, in turn, not rarely oppresses the female body. Albeit modestly, this study aims to participate in the social process of deconstructing these standards of bodily beauty and the devaluation of women.

Keywords: Woman; humorous discourse; social scope; deconstruction; devaluation.

Referências

ALVES, J. C. R. Liberdade de expressão e programas humorísticos. *Revista Direito e Liberdade* – RDL – ESMARN – v. 17, n. 1, p. 131-171, jan./abr. 2015.

AMOSSY, R. *Apologia da polêmica*. Coordenação da tradução: Mônica Magalhães Cavalcante. Tradução: Rosalice Pinto *et al.* São Paulo: Contexto, 2017.

BOHM, C. C. *Um peso, uma medida*. O padrão de beleza feminina apresentado por três revistas brasileiras. São Paulo: Uniban, 2004.

BORIS, G. D. J. B.; CESIDIO, M. H. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. *Rev. Mal-Estar Subj.*, Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 451-478, set. 2007. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S15186148200700020012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 nov. 2023.

BRANDÃO, H. H. L. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

CUNHA, M.; SÁ, B. F. *Câmera, luz e humilhação: intersecções entre gênero, emoção e humor na televisão brasileira. Revista Zabelé – PPGANT -UFPI -Teresina-PI • Vol. 4, n. 1, 2023.*

FERNADES, C. A.; Sá, I. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 1. ed. Campinas, SP: Pontes, 2021.

FERREIRA, M. G. C. *Limites do humor e sua relação com os grupos minoritários*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2021.

HOOKS, B. *Ain't I a Woman?: Black women and feminism*. United States: South end Press, 1981.

MACHADO, R. P. B. O discurso parodístico: da constituição à comunicação. *Signum: Estudos da Linguagem*, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 247–271, 2011. DOI: 10.5433/2237-4876.2012v15n3p247. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/11826>. Acesso em: 10 nov. 2023.

MATOS, M.; PARADIS, C. G. Desafios à despatriarcalização do Estado brasileiro. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 43, p. 57–118, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645109>. Acesso em: 10 nov. 2023.

MOREIRA, A. *Racismo recreativo*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PEREIRA *et al.* A influência da estrutura patriarcal na construção da emancipação feminina na sociedade contemporânea. *Anais da 22ª Semana de Mobilização Científica- SEMOC*, 2019.

POSSENTI, S. Estereótipos e identidade: o caso nas piadas. *Gragoatá*, v. 6, n. 11, p. 227-240, 2 nov. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/47032>. Acesso em: 10 de out. 2023. POSSENTI, S. *Humor, Língua e Linguagem*. São Paulo: Contexto, 2014.

TEJADA, B. V.; VINHAS, L. I. Ligações perigosas: Uma análise discursiva sobre o humor na reprodução da violência contra a mulher. *Letras de Hoje*, [S. l.], v. 58, n. 1, p. e43527, 2023. DOI: 10.15448/1984-7726.2023.1.43527. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/view/43527>. Acesso em: 3 out. 2023.

Recebido em 04/12/2023

Aceito em 19/06/2024

Publicado em 24/11/2024